

À PROCURA DE DEUS

Ao longo da vida encontramos pessoas muito diferentes na forma como se relacionam com Deus e com a espiritualidade. Há quem rejeite por completo qualquer reflexão sobre o divino, evitando conversas, leituras ou práticas espirituais, e até ridicularizando quem acredita. E há também quem diga acreditar, mas cuja relação com Deus depende exclusivamente daquilo que consegue ver, tocar ou receber. Procuram sinais materiais, respostas imediatas, benefícios concretos. Trata-se de uma fé ainda frágil, condicionada pela necessidade de comprovação e orientada sobretudo para o benefício pessoal.

Em qualquer dos casos o livre-arbítrio deve ser respeitado. Mas devemos reconhecer que muitos permanecem presos a uma visão espiritual fundada na troca: lembram-se de Deus apenas quando enfrentam dificuldades e afastam-se quando desfrutam de bem-estar, saúde ou estabilidade.

Esta postura reflecte, em grande medida, reminiscências das antigas Dispensações Jeovísticas, épocas em que a aproximação ao divino era guiada pelo medo, pela recompensa ou pela punição. Fazia-se o bem para obter algo e temia-se o mal para evitar sofrimento.

Os Ensinamentos Crísticos vieram elevar esta compreensão. A primeira Dispensação Crística trouxe uma fé baseada na oração, na bondade e na esperança de um futuro celestial; embora mais elevada que as antigas concepções, ainda comportava a expectativa de prémio e o afastamento do mal por receio de sofrimento. A segunda Dispensação Crística, porém, representa uma transformação interior muito mais profunda: nela, o ser humano aprende a amar o bem pelo próprio bem, orientando a sua conduta de forma desinteressada, sem esperar compensações e sem calcular vantagens ou perdas. É o princípio da rectidão vivida pela sua verdade intrínseca. É o que designamos por “ter a Lei dentro de si”.

Um sinal claro de que muitos ainda se encontram presos às ideias antigas é a forma como Deus é recordado apenas nos momentos de aflição. Em períodos de bonança e tranquilidade, esquecem facilmente que Deus existe, nem sequer agradecem as graças recebidas. Mas, nos momentos de crise, esses mesmos indivíduos procuram desesperadamente a ajuda divina e, caso não obtenham aquilo que desejam, concluem precipitadamente que não foram ouvidos ou que Deus se ausentou.

Contudo, enquanto alguém procurar Deus apenas movido por interesse próprio, dificilmente reconhecerá a Sua presença. A verdadeira vida espiritual floresce no compromisso diário, na oração sincera, no serviço fraterno e na atenção às necessidades alheias. Mas são exactamente esses pequenos gestos constantes que fortalecem interiormente o discípulo e o tornam capaz de se orientar espiritualmente mesmo nas horas mais difíceis. Um Cristão consciente não vive a pedir; confia, sabendo que Deus conhece profundamente todas as suas necessidades. E, quando sente o impulso da oração, basta-lhe a Oração do Senhor – o Pai-Nosso – suficiente para abraçar tudo o que verdadeiramente importa.

Na Fraternidade Rosacruz, esta compreensão traduz-se numa prática diária: estudar diligentemente os Ensinamentos e procurar vivê-los em cada circunstância da vida; praticar o serviço amoroso e desinteressado, sempre que a oportunidade se apresentar; realizar os Exercícios Esotéricos, para fortalecer e acelerar a evolução espiritual do aspirante. Não o fazemos por medo nem por expectativa de recompensa, mas porque reconhecemos que é na vivência constante e consciente do bem que a alma realmente desperta e progride.

António Neves

15-03-2026